

Nomes próprios, melhoramento e degradação em *Uma fenda na muralha*

José Édil de Lima Alves

ULBRA



“O nome constitui um dos fatores primários na caracterização das personagens no romance tradicional – tal como acontece na vida.”

VITOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA¹

1 Nome próprio – importância e significado

Ao iniciar o ensaio intitulado “Para um estudo da poética dos nomes próprios”, afirma Celso Cunha (BARBADINHO, s.d., p. 49):

Sabemos todos a importância de que se reveste o nome próprio nas sociedades chamadas primitivas ou inferiores. O seu valor sagrado, o ritual a que obedecem sua aquisição ou sua mudança, as numerosas interdições que provoca, tudo tem sido salientado e descrito por sociólogos e etnógrafos, acordes em que, entre os não-civilizados, nomear alguém é tocar-lhe a própria personalidade e até as sílabas de que se compõe o nome estão impregnadas de uma força sobrenatural.

É verdade que para a sociedade civilizada já não se aplicam as observações do renomado estudioso acima citado, posto que, na maioria das vezes, as pessoas não conhecem o simples significado dos nomes próprios por que são chamados. Assim, dificilmente a imposição de um nome em alguém conserva hoje o sentido sacral ou a busca de algo que particularize ou venha a particularizar o indivíduo. Menos ainda se perceberá tal imposição cercada por ritos de iniciação sagrada ou mágica. Sob tal ponto de vista, na sociedade civilizada o nome próprio quase mais nada conserva de uma associação concreta com a realidade circundante, algo que represente seu *alter ego*, como em Heitor, por exemplo, cujo significado

¹ SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1979.

“o conservador, senhor ou mantenedor (da vitória)”, designava com absoluta propriedade o grande herói troiano.

Em que pese tudo isso, porém, mesmo para o civilizado é lícito dizer-se que ainda hoje o nome conserva uma importância significativa para a criatura humana. Celso Cunha (op. cit., p. 51), nesse sentido, observa: “Etiqueta, e não símbolo do indivíduo, ele designa, ele evoca, ele sugere”. Na verdade, pode-se afirmar que tal importância pode ser verificada nos casos mais simples, como aqueles em que a pessoa considera positivamente seu nome ou nos casos opostos, em que o detesta. Igualmente é fácil verificar a existência daqueles que “fazem” seu próprio nome, projetando-se pelo apelido² que lhes foi imposto e/ou que o adotam deliberadamente, não poucas vezes acrescentando àquele(s) com que fora registrado. São casos exemplares os de **Pelé**, apelido de Edson Arantes do Nascimento, no primeiro caso, e de Luiz Inácio da Silva que no registro civil colocou o apelido por que ficara internacionalmente conhecido desde seus tempos de militância política sindical, no *ABC paulista*: Luiz Inácio **Lula** da Silva.

Escrevendo sobre o assunto, Dirce Cortes Ridel (BARBADINHO, s.d., p.81) anota: “O Pe. Antônio Vieira lembra que os patriarcas antigos escolhiam, para os filhos, nomes que eram uma profecia do seu futuro e do de descendentes”. Como se vê, partiam do princípio de que, na origem, o nome e a coisa se confundem. A esse propósito, vale lembrar que uma significativa linha de intelectuais que remonta mesmo aos chamados pré-socráticos, Heráclito, de forma especial, defende o princípio de que os nomes foram estabelecidos em conformidade com a natureza das coisas, enquanto outros consideravam ser os nomes o resultado de uma convenção, base para a discussão que se trava no **Crátilo**.³

² O termo “apelido”, bem entendido, aqui é usado no sentido que tem no Brasil, consignado no *Dicionário Houaiss* (2001) como sendo: apelido, s.m. 2 *B inform.m.q. ALCUNHA*. Em Portugal e nos países africanos de língua portuguesa o termo tem o sentido que a palavra *sobrenome* possui no português do Brasil.

³ No *Crátilo*: diálogo sobre a justeza dos nomes, Platão aborda a questão da origem dos nomes. Em comentários ao referido diálogo, o Pe. Dias Palmeira, destacando que naquele texto o grande filósofo “... com toda a lucidez e com uma admirável amplitude de vistas, rasga os horizontes a uma primeira filosofia lingüística”, afirma, remetendo a Th Gomperz, que “... essa diversão com etimologias fantásticas e exageradas não exclui, contudo, nele uma convicção firme de que outrora, de facto, existiu uma íntima relação entre os sons e o significado das palavras, suposta por uma das teorias; e a este propósito, discute num tom, que nada tem de ironia, o sentido simbólico de sons isolados, de um modo idêntico ao de Leibniz e de J. Grimm; e reconhece na imitação dos movimentos externos por meio do movimento dos órgãos da fala um factor capital da formação das línguas, de maior alcance até do que a onomatopéia.” In: PLATÃO. *Crátilo*: diálogo sobre a justeza dos nomes. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994. p. XCVII e CVIII.

Sem pretender reencetar a referida discussão, pode-se afirmar que é o ato de nomear que possibilita ao homem a criação do seu mundo. Ora, como poderia a criatura humana desencadear a construção do seu próprio mundo desconhecendo sua própria identidade como homem?

Talvez hoje o civilizado já não seja capaz de (ou não necessite mais) encontrar sua identidade a partir do próprio nome, até porque este não guarda mais, via de regra, seu sentido original, ou, como anota Mansur Guérios (GUÉRIOS, 1973, p. 16):

... os nomes próprios não lembram hoje, no intercâmbio lingüístico, os sentidos que despertavam outrora na sua origem, nem lembram outros, donde se conclui que são vocábulos desprovidos de alma, ou melhor, ficam petrificados; apenas conservam o corpo ou significante. O nome Licurgo não lembra mais o caçador de lobos primitivo; nem Hipólito o que tira ou solta cavalos.

Contudo, de forma inegável ainda resta ao nome próprio o poder de designar, de evocar e de sugerir, como ficou dito anteriormente. E é esse poder, mais do que em qualquer outro lugar, que poderá estar valorizado em uma narrativa ficcional.

Ao criar um mundo, por meio da ficção, o autor tem a possibilidade de escolher o nome com o qual designará as criaturas que comporão aquele universo. Alexandre Dumas, filho e Marcel Proust deixaram muitas anotações sobre os problemas que enfrentaram, e como os enfrentaram, para dar nome às personagens que criaram.⁴

Érico Veríssimo, em *Solo de clarineta*, também comenta o trabalho do criador de personagens e diz, referindo-se à gênese do romance *O senhor embaixador* (VERISSIMO, 1976, p. 61):

A figura central da estória seria um embaixador de um país imaginário, mas real, da zona do mar das Caraíbas. Ocorreu-me o nome do herói: Gabriel Heliodoro Alvarado. Eu via mentalmente o sujeito: logo ele existia.

Como se percebe, o *nome* surge na mente do criador, e a figura da criatura imediatamente toma forma, impondo-se de maneira acabada, pode-se dizer.

Logicamente, não se irá, de modo simplista, querer compreender assim todo o ato criador, menos ainda para todos os criadores. Porém, nada impede de afirmar que o autor, quem quer que ele seja, tem a possibilidade de nomear suas personagens com um cuidado

⁴ Ver o que diz a tal respeito o filólogo Celso Cunha. In: BARBADINHO, Raimundo Neto (Org.). *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro: Simões, [19??], p. 53.

especial, visto tratar-se a obra de uma criação eminentemente intelectual.

2 Nome próprio em *Uma fenda na muralha*

Alves Redol em “Nota à Margem”, no romance ora focalizado (REDOL, 1976, p. 10), é taxativo ao afirmar: “Assim como cada roca tem seu fuso, assim cada terra tem seu uso. E nomes para certas coisas e para as pessoas, nomes que só aí se dão, como certas plantas em terreno próprio.”

“Nomes que só aí se dão”, diz o autor, deixando patente sua clara posição relacionada ao assunto aqui abordado. Percebe-se aí o quanto, para o criador de *Uma fenda na muralha*, o nome é importante, possuindo, inclusive, aquela qualidade básica do ser: irrepetível e com sua própria identidade. Nome e coisa confundem-se, pois.

Por tudo o que se acompanha nesse assunto, é lícito dizer que o nome pode desempenhar alguma função no corpo da narrativa, e depoimentos como o Alves Redol realçam a importância que o modo de designar as personagens ocupa no conjunto. Certamente o papel do nome da(s) personagem(ns) poderá variar de autor para autor e mesmo de obra para obra. Assim, será tarefa do analista descobrir-lhe o significado na estrutura da narrativa, objeto de estudo.

Em *Uma fenda na muralha* é inegável a importância que os nomes próprios possuem no conjunto. Vivendo em um meio sociocultural bastante rude e primitivo, as personagens têm, ao lado do prenome, alcunhas⁵ que lembram qualidades e defeitos físicos ou morais ou, ainda, profissões. Normalmente as personagens carecem de apelidos e até de sobrenomes.

Na verdade, não se poderia esperar muita coisa diferente em uma comunidade tipicamente primitiva e cujas vidas dependem diretamente das lides marítimas, como aquela onde se desenrola o drama focalizado por Alves Redol. Assim, em tal meio, *dos Safios* liga-se diretamente à proeza do pescador que sozinho se lança ao Mar e de lá retorna, após dois dias de luta, com enorme quantidade desse tipo de peixe, safio, um pequeno congro, de carne escura; *Calafate* refere-se ao homem cujo meio de vida é justamente tapar com estopas alcatroadas as juntas e/ou fendas de embarcações.

⁵ A palavra “alcunha” é usada em Portugal no sentido que se dá no Brasil ao termo “apelido”. Obviamente, também é corrente no Brasil o termo “alcunha”, embora bem menos utilizado do que o “apelido”.

O aspecto que sobrevive de uma sociedade moderna, civilizada, o nome dessas personagens, aquele que, no dizer de Celso Cunha (BARBADINHO, s.d., p. 50): "... estratificou-se em hábito, codificado em fórmulas religiosas e jurídicas: a escolha dos prenomes a confinar-se praticamente no Calendário Cristão; o apelido a transmitir-se hereditariamente", talvez só tenha sido o da escolha do prenome; contudo, como se pretende indicar adiante, mesmo nesse caso há uma série de coincidências verdadeiramente curiosíssimas, se, de fato, não passarem de coincidências.

Como registrado acima, falta apelido e sobrenome para as personagens, em sua maioria, no romance aqui focalizado, mas não para aqueles que pertencem à família da personagem central, José da Pala Zarro. Esse fato explica-se facilmente pelas razões também já apontadas: tratando-se de uma sociedade primitiva, originária, portanto, não há o quê, nem de quem herdar. Tudo está por ser feito, e são eles, os que vivem nessa comunidade, os que terão de fazer.

Embora a narrativa focalize um tempo no século XX, em uma praia de pescadores portugueses em pleno continente europeu, a Nazaré,⁶ o primitivo refere-se à situação em que vivem esses párias do sistema, abandonados à própria sorte. Diz uma das personagens (REDOL, 1976, p. 309):

– Enquanto não derem um portozinho à gente, o pão que aqui se comer há-de ter sempre o gosto da morte. Não se lhe dá outro jeito... Até lá a gente precisa de se atirar por aí dentro pra não morrer de fome e de pasmo – diz Zé Diabo Negro quase num grito.

Desta decantada Civilização Ocidental, Industrial e Tecnológica, eles não sabem mais do que algumas vagas referências de quem se aventurou por outros mundos, mesmo sem poder compreender mais do que algumas poucas coisas. Ou, o que vem a dar no mesmo, pode-se dizer, conservam algumas notícias de lugares, para eles já perdidos, inatingidos ou inatingíveis, onde há possibilidades de uma vida melhor. Duas passagens extraídas da narrativa dão conta destas afirmações. Na primeira, o narrador onisciente encarrega-se de esclarecer ao leitor virtual o significado do advérbio de lugar "lá", utilizado no discurso de uma personagem, Tó Zarro, (REDOL, 1976, p. 51, 94-95) para referir-se a uma terra por onde havia andado em tempos de rapaz, onde amadurecera para a vida e que lhe marcara para sempre, mas cujo nome não tinha alcance para

⁶ Registre-se que com assunto semelhante e localizado na mesma Nazaré, Branquinho da Fonseca, em 1952, publicara o romance *Mar santo*. O romance de Alves Redol aqui focalizado teve sua 1ª edição em 1959.

saber; na outra, é a reflexão da mesma personagem ainda sobre os mesmos sítios por onde andara, mas para onde não mais voltaria, visto não ter mais as condições físicas exigidas para executar as tarefas que dele seriam exigidas:

... a Terra Nova e a Groenlândia, onde as amizades e os ódios se vivem até à raiz, onde tudo é grande, mesmo o homem, ou ainda mais o homem, sempre montado entre a coragem e o medo.

[...]

... Mas são seis meses certos de trabalho, seis meses, à linda, em que um homem ganha o pão, um pão danado, é verdade, mas se é primeira-linha traz-se um dinheiro que se pode ver...

É de ressaltar que há nesses homens um sentimento telúrico que lhes serve de freio, muitas vezes, impedindo-os de lançar-se à aventura em busca de lugar onde as oportunidades de sobrevivência sejam melhores. O narrador sublinha o apego que aqueles pescadores têm ao seu pedaço de chão (REDOL, 1976, p. 167):

Todos gostam de sua praia, nem por Lisboa a trocariam. Não há outra areia como aquela para um homem se deitar quando está lasso, derrancado pelo trabalho, pelos sustos e pela fome. Aos filhos e à mulher levava-os, se fosse preciso. Não há casas em Peniche, mas um canto, uma barraca, sempre se colhe com o tempo. Mas a praia?!...

Todavia, é certo também que o sistema sabe tirar o melhor proveito de tal estado de espírito, para exercer mais avaramente a exploração desenfreada sobre esses deserdados da sorte. Subjugando o homem com seu aparato burocrático, o sistema industrial capitalista encarrega-se de multiplicar, nos países subdesenvolvidos, esse homem híbrido, descaracterizado e sem identidade: nem primitivo, nem civilizado, subproduto de uma era em que a criatura humana vai sendo robotizada, perdendo suas qualidades primárias básicas.

Ratificando pelo romance essa afirmação, basta lembrar que ali há uma família distinguida com sobrenome⁷ (da Pala) e apelido (Zarro) termos que falam de uma tradição que vem do avoengo naquela Praia e da ocupação na “pesca do alto”, transmitida de uma geração para a outra, imperadores da própria destruição a perpetuarem a condição de autovassalagem à fome e à miséria. A narrativa abre mesmo com a apresentação da personagem principal,

⁷ A partir daqui os termos referentes à família ou à situação do indivíduo são usados no sentido que lhes dão em Portugal. (J.E.A.)

destacando a condição que ele ocupa no lugarejo, descendente de uma família com fumos de aristocracia, bem presente nas “cores” que se dá ao desprazer de ostentar (REDOL, 1976, 15):

Zé Diabo Negro, José da Pala Zarro por nome de baptismo e de célula na Capitania, vem lá do sul, pelo paredão fora, a regalar-se com os elogios ao seu bote, já pintadinho, que é um luxo, com as cores tradicionais da família. Sim, senhor, das famílias mais antigas da Praia, quase todos pescadores do alto, ainda os ilhaves não haviam chegado com as artes da xávega, essas de arrastar para terra, que são pescas de gente mais de lavoira que do Mar.

Também é possível ver-se a importância da panteonímia ao acompanhar o cuidado com que o arrais Zé Diabo Negro seleciona o nome a pôr em seu bote novo e a forma com que o mantém em rigoroso sigilo (REDOL, 1976, p. 39):

O outro dissera: ‘Foi a melhor coisa que ainda me saiu das mãos. Eu punha-lhe o nome de um pássaro... Alcatraz, como o outro. Isto vai ser um pássaro!’

Zé Diabo Negro nem lhe respondera. O nome pertencia-lhe.

A alusão é clara. A posse do nome é a posse da coisa e vice-versa. Zé Diabo Negro sabe que, pelo nome do bote, terá a posse da desejada; por isso não receia pôr-se em desacordo com os próprios filhos, a fim de garantir-se. O que não lhe convinha falar, ele cala. Mas, calado, satisfazia o desejo que mantinha ardente no peito. Deseja a afilhada e quer tê-la junto a si pelo nome que pôs no próprio bote, mesmo tendo de enfrentar a contrariedade da família (REDOL, 1976, p. 18):

Traz consigo a fé de que o bote novo lhe vai dar sorte com a rapariga. Coisas da idéia acesa... [...] O nome que lhe pôs é segredo seu. E não foi fácil. A família bem quis contrariá-lo; a mãe e os filhos atiraram-se todos para a mesma banda, e teimaram com ele, mais isto e mais aquilo, amuaram... [...] Sentou-se no armazém do estaleiro a fumar e a beber, discutiu o feitio das letras, e agora lá tem o nome inteirinho, quem gostar doutro ao seu jeito espere que eu morra e faça depois as coisas à sua vontade.

Uma sombra projecta-se sobre o seu ombro direito e assusta-o, como se lhe espreitasse para dentro do pensamento.

– Isso parece um namoro, ah, Zé!...

– Vamos casar um dia destes. (Fala do bote e lembra-se da rapariga.)

Em tal sentido, há uma personificação do bote, realizada pela força do nome: Maria **Estrela**, **Estrela** do Mar. Objeto de desejo e bote. A posse pelo nome.

3 Degradação e melhoramento em *Uma fenda na muralha*

É fácil, por outro lado, notar como há uma ligação íntima entre os nomes e os processos de melhoramento e de degradação que sustentam a narrativa.

Todavia, melhoramento e degradação só poderão ser entendidos à luz de um sistema axiológico. E tal escala de valores, aqui, não pode fugir daquela comprometida com o sistema dominante na Sociedade Ocidental. Ora, o romance de Alves Redol, embora pretenda ser uma voz a insurgir-se contra as iniquidades praticadas pelo Sistema Estabelecido sobre as massas proletárias oprimidas, não propõe, salvo demonstração em contrário, uma escala de valores diferente daquela defendida pelo sistema ocidental: um misto de princípios religiosos judaico-cristãos e de postulados políticos de caráter social-democráticos.

Uma fenda na muralha talvez possa ser resumido como a luta desesperada de um homem rude e maduro (Zé Diabo Negro) para sobrepor-se à inexorabilidade do tempo. Os demais conflitos, e são inúmeros, acontecem como decorrência desse. Alguns deles, na verdade, conhecem um relevo considerável. A rivalidade com os de sua categoria (arrais Joaquim da Bôta), a luta absurda e temerária, profundamente desigual, que trava com o Mar, arriscando inúmeras vidas para manter intacta a própria reputação, as rixas com os que lhe estão mais próximos, num crescendo até chegar ao ódio violento que nutrirá pelo seu filho primogênito, tudo é fruto dessa atribulação, dessa recusa da própria identidade que não lhe é possível modificar. A forma como tenta negar o que a passagem dos anos lhe provoca, não lhe sai da cabeça, causando-lhe o aumento dos tormentos (REDOL, 1976: 17):

... O tempo arranja muita coisa. E escangalha outras. Ele sabe o que quer. Também não se esquece de que um homem quando quer pode pregar grandes partidas ao destino. O pior, e isso é que lhe dá volta aos fígados, o pior é que não pode esperar muito tempo, está com mais de 50 anos, e a vida nessas idades foge num sopro. As pessoas nunca percebem que um homem, se não nasce morno, tem sempre alvares dentro de si, mesmo já velho, ainda mais às vezes quando parece velho, porque a alma de um homem se apura com a idade como a aguardente, pensa Zarro. Quero lá saber do que os outros pensam!... Só eu sei o que posso...

Assim, o tempo, o machismo e a preocupação egoísta marcam profundamente José da Pala Zarro, o Zé Diabo Negro, e são responsáveis pelo processo de degradação que culminará com o estado de prostração e de raiva impotente, marcas evidentes da degradação produzida.

Paralelo à degradação dessa personagem, a princípio marcada por vários índices positivos, há um processo de melhoramento de outra personagem, Antônio Zarro, filho primogênito do arrais José da Pala Zarro. Os sinais negativos referentes a Tó Zarro, no início da narrativa, são sublinhados exatamente por seu pai, quem percebia no filho, não seu prolongamento, sua possibilidade de permanência, mas seu grande rival.

No que se refere aos nomes, propriamente ditos, bastará anotar aqui os aspectos positivos e negativos que eles contêm, embora o processo de melhoramento e de degradação não se restrinjam unicamente aos antropônimos no romance em foco.

O sinal positivo na personagem do pai pode ser registrado em relação ao nome, sobrenome e apelido, o mesmo podendo ser feito em relação ao sinal negativo.

Veja-se como isso ocorre:

Nome – JOSÉ, hebr. **Iosseph, Iehussef**: “Ele (Deus) dê aumento, ou (Deus) aumente” (Gênese, 30: 24). Gr. **Iósepos, Ioséph**, lat. **Josephus**, ár. **Iussuf**, it. **Giuseppe**, esp. **José**, fr., igl. e al. **Joseph, Josef**.

Como se sabe, tal nome é muito comum entre os semitas e os povos de cultura judaico-cristã. Em *Uma fenda na muralha* as duas personagens com esse nome são fortemente marcadas pelo caráter exagerado, aumentando invariavelmente aquilo que lhes acontece. E isso está registrado e pode ser percebido facilmente na seguinte passagem (REDOL, 1976: 307): “Zé Diabinho é um deles. (...) e, então, há-de lembrar-se com certeza do peixe que o marcou. E como parece o velho por uma pena, vai torná-lo ainda maior.”

Sobrenome – DA PALA

Embora longa, e objetivando possibilitar a melhor compreensão para o leitor, julga-se conveniente transcrever algumas considerações a respeito do sentido dos termos *sobrenome*, *apelido* e *alcunha*, extraídas do *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, do Professor Rosário Guérios (In: GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*. 2. ed. São Paulo: Ave Maria, 1973, p. 37-38, 41):

Segundo J. Leite de Vasconcelos [...] ‘sobrenome é um patronímico, nome de pessoa, expressão religiosa ou outra, que se junta imediatamente ao nome individual, com a qual forma um corpo: Mêndiz, Augusto, César, da Conceição...’ Em S. Francisco Xavier, **Xavier** é sobrenome. Vutierre Mêndiz, César Augusto, Antônio César, Maria da Conceição.

Apelido é, em Portugal, conforme o mesmo autor, “designação de família, transmitida ordinariamente de geração em geração”. Exs.: Rui **Queimado**, Antônio Augusto **de Aguiar**, Maria da Conceição **Rosado**.

“A diferença fundamental, afirma L. de V., entre **sobrenome** e **apelido**, na nomenclatura atual, e mais corrente, está em que aquele é individual, ou apenas comum a vários irmãos, embora às vezes transmissível a filhos, e o **apelido** é genealógico, isto é, comum na essência à família toda”.

O sobrenome pode resultar de um nome próprio, “o qual representa por vezes o nome próprio ou o sobrenome do pai, do padrinho, de um parente, de um protetor, outras o nome do santo do dia do nascimento.” Às vezes resulta de arbítrio ou de causas que não podem reduzir-se a regra.

[...]

Assim é, também, que de **João Batista** de Moraes, pode resultar que o filho assine Antônio **Batista** de Moraes. A homenagem a S. João Batista foi aqui um pouco esquecida.

No Brasil, não se dá a **apelido** o significado que se conhece em Portugal. **Apelido**, para todos ou quase todos, é sinônimo de **hipocorístico** (designação científica), isto é, expressão familiar, de carinho ou intimidade, geralmente não depreciativa. Exs.: Zezinho, Zeca, Zé, Juca, Maricota, Cota, Cotinha, etc.

[...]

E por **alcunha**, entende-se um nome bom ou mau dado a alguém, em vista de uma qualidade física ou moral ou de certa peculiaridade da sua vida (profissão, religião, etc.). Exs.: Manuel o Venturoso, Isabel a Redentora, Ivan o Terrível, Ernesto Sabichão, etc.

[...]

A partícula **de** em português é usada em três circunstâncias, segundo L. de Vasconcelos:

1º) anteposta a nome geográfico (sobrenomes geográficos): Antônio **de Azevedo**, Odilon **de Oliveira**, etc. Em Portugal é raro com estes exemplos: José **de Loureiro**, Paulo **de Pereira**, etc., e mais ainda: José **do Loureiro**, João **da Pereira**, etc.

Um lugar, p.ex., em que abundavam **azevinhos** recebeu o nome de **azevedo**. O solar, a herdade ou a vila com essas plantas podia receber também o nome **de Azevedo**, e a família ou as famílias que aí se formavam ou apenas moravam, ou daí procedentes, foram apelidadas **de Azevedo**, ou **do Azevedo**. E o caráter de fidalguia que os nobres atribuíam à partícula de provém disso, designação do local do nascimento, residência ou procedência, e principalmente por designar posse dos senhorios (honras, coutos, terras, quintas, etc.);

2º) anteposta a um nome religioso (sobrenomes religiosos ou cristãos): Pedro **dos Santos**, Manuel **do Rosário**, Maria **da Assunção**, Maria das Dores, Joaquim **de Paula** (em vez de Joaquim **de São Francisco de Paula**), etc. Não raro vem supressa a preposição com o artigo: Pedro **Santos**; João **Rosário**, Paulo **Assunção**, José **Reis**, etc.;

3º) em expressões populares: a Maria **do Bernardo**, i.é., filha de Bernardo de tal; o João **da Inês**, filho de Inês; a Luísa **do José Carvalho, da Ludovina**, filha de J. Carvalho casado com Ludovina; a Gertrudes **do Domingos**, mulher de Domingos; o Carlos **da Georgina**, marido da Georgina; etc. Uma curiosidade: Por um Diogo ser casado com uma Josefa, resultou dizerem os vizinhos: O Diogo **da Josefa**, falando dele, e a Josefa **do Diogo**, falando dela.

Voltando-se ao romance **Uma fenda na muralha**, no caso do sobrenome presente – da ala – trata-se, por certo, da terceira acepção, visto *Pala* não se referir a lugar nem a nome de santo.

Segundo Caldas Aulete (1958, p. 3659-3660, v. 4):

Pala¹ – s.f. engate de pedra preciosa, jóia, etc.; engate de anel. Anteparo semelhante a pala de boné que as pessoas doentes dos olhos põem sobre eles para a claridade não os molestar. A parte do vestuário que garante a gola (Heráld.) Barra ou faixa que divide o escudo de alto a baixo. (Chul.) Engano, petate, maranhão, patranha, mentira. //s.m. (Trás-os-Montes) Proteção, empenho. (Fundão) Bebedeira, camoeira, cardina.// Pala do boné, da barretina etc. Peça mais ou menos consistente que garante a parte inferior e dianteira do boné e que se prolonga sobre os olhos em forma de alpendre.

Pala² – s.f. espécie de embarcação asiática.

No citado dicionário há outras acepções para a palavra aqui focalizada. Contudo, das transcritas, é possível relacionar alguns dos sentidos que podem ter algo em comum com a personalidade da personagem de Alves Redol. A palavra *pala*, como se lê acima, pertence ao vocabulário da heráldica. Ora, a personagem orgulha-se de uma certa linhagem ou nobreza de tradição de sua família, como se pode verificar pela leitura do primeiro parágrafo da narrativa (REDOL, 1976, p. 15):

ZÉ DIABO NEGRO, José da pala Zarro por nome de baptismo e de cédula da Capitania, vem lá do sul, pelo paredão fora, a regalar-se com os elogios ao seu bote, já pintadinho, que é um luxo, com as cores tradicionais da família. Sim, senhor, das famílias mais antigas da Praia, quase todos pescadores do alto, ainda os ilhaves não haviam chegado com as artes da xávega, essas de arrastar para terra, que são pescas de gente mais de lavoira que do Mar.

Como *engano, maranhão*, leia-se a passagem (REDOL, op. cit.: 59): “Não gosta de gente presumida; chegam-lhe as suas bazófiás.” Quer dizer, a personagem tem consciência desse traço de seu próprio caráter que se relaciona à *conversa fiada, à patranha*.

Apelido – ZARRO

De acordo com *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001: 2904), para o adjetivo **zarro** há os seguintes brasileirismos e lusismos ou lusitanismos, ou seja, significados para o termo no Brasil e em Portugal:

zarro – adj. 1 B extremamente desejoso, ávido, cobiçoso, sequioso
2 B **infrm** que bebe muito ou freq. se alcooliza; bêbado, ébrio, embriagado
3 (...) 4 P (reg.) de trato difícil; áspero, rude, ríspido (...)
5 P (reg.) que não é ameno, aprazível; que apresenta baixa temperatura (diz-se de tempo, clima etc.); áspero, desabrido, frio.

Como se nota, as acepções para o termo, dependendo do país, têm sentidos que se inscrevem em áreas semânticas um tanto diversas, porquanto *ávido, cobiçoso, sequioso* e *bêbado, ébrio, embriagado*, como são entendidos no Brasil, nada têm em comum com *áspero, rude, ríspido*, do linguajar lusitano. Ainda é de se destacar que, para os portugueses, nas duas acepções consignadas por Houaiss, há o sentido de *áspero*. Também é de se ver que em Portugal são regionalismos, enquanto no Brasil um dos sentidos é informal.

Em se tratando da família designada por tal apelido, nada mais próprio do que as acepções lusitanas. Na verdade, bastará ao leitor a mínima atenção para notar que todos os Zarros, de alguma forma e em alguma passagem, manifestam os traços de personalidade *áspera, rude e ríspida*. No caso de Zé Diabo Negro são recorrentes os registros e em relação a todos quantos o cercam, talvez com exceção apenas para sua própria mãe. Tomadas ao acaso, pode-se dizer, dois casos (REDOL, 1976, p. 20 e 25):

... Ele surge-lhe da escuridão, estabanado, e sacode-a pelo lenço.
– Enforco-te, grande coiro! Corto-te a língua com esta navalha...
E mostra-lha na palma da mão. Mari’Tocha abala a chorar pela rua abaixo, sem alarido. O xaile tomba-lhe dos ombros. A correr, a velha assemelha-se a um corvo relho de cauda esfiapada.

[...]

O Tóino Aleluia pegou-se a discutir com um pescador que traz um peixe-espada na mão, por causa do campeonato da bola, e não ouve os fregueses. Zé Diabo interrompe-o:

– Enche mais vinho pra este pessoal todo. Assenta lá na minha conta...

Agarra o taberneiro pelo braço e arrasta-o consigo, à má cara, para a casa da venda.

Em se tratando de Tó Diabo Branco, sirva de exemplo (REDOL, 1976, p. 97):

O Cardeal bate-lhe no ombro.

– O que foi? responde arrenegado, já nem sabe enfiar as sardinhas frescas na ponta dos anzóis. O outro aponta-lhe o bote do Joaquim; põe-se em pé de um salto e repara que o estrela do Mar está parado.

– Viemos passear ao Guilhim? – pergunta para o pai, entretido a puxar o barrete para os olhos, sinal de alguma coisa o preocupa.

– O Gaivota está parado, ah Tó!

– Ele vai pescar pra nossa companhia?

– Pode ser que volte pra trás...

– E se voltar? O Mar chega bem pra gente... Ele não traz o Mar dentro do barco...

Para ilustrar o ajuste do apelido à personalidade de Manuel, sirvam as passagens 1), 2) e 3) (REDOL, 1976, p. 54, 56, 98 e 285-286):

1) ... Quando o pai bebe, eles lembram-se da mãe. O Manel, o motorista do bote, recorda-se ainda melhor do que o Zé Diabinho. E apetece-lhe dizer ao pai, mais uma vez, que o nome do barco devia ser **Preciosa**. Gosta de pegar com o velho.

[...]

O Manel Zarro está atravessado como um vento do sudoeste; mal abriera um sorriso com a história do Polaco, de tal modo cresce nele a indignação com a exuberância do pai. Mari'Zarro julga-o amolado com a ausência do irmão mais velho e recomenda-lhe ao ouvido que o vá procurar. Manel finge não ouvi-la; quando a velha insiste, dá de ombros num arremesso moicante que o Diabo Negro percebe.

2) ... O Manel fita-o com raiva, até os olhos se lhe põem raiados de sangue, e pensa dizer ao irmão: “Vai lá com os cornos! chegás lá num pulo, ah desgraçado!”

3) ... É ele que vê primeiro o Manel Zarro adiantar-se do grupo da proa, indo de rojo até perto do albói do motor; mas não pode adivinhar o que o Manel esconde nos olhos quando se arrasta de mão na algibeira, fitando o irmão mais velho. O pai é que lhe ouve a voz transtornada:

– Tu meteste a gente aqui dentro, real cabrão.

– Cala-te aí, rapaz!

– Vossemecê já não manda no lote. O arrais é ele, esse gajo...

Zé Diabo Negro pensa atingir o filho com um pontapé na boca, precisa de lhe partir os dentes, agora ou em terra há-de partir-lhos, para que se lembre o resto da vida do que lhe está a dizer.

– Cala-te, Manel.

Tó Zarro espreita o irmão e apetece-lhe fora do albói; mas é o velho que percebe o gesto rápido do outro filho, **o gajo vai puxar da navalha** e espetar o Tó, e grita para a companha:

– Agarrem esse gajo, agarrem-no bem!...

Zé Diabinho, como se nota na passagem seguinte, dá razão ao apelido que herdou do pai (REDOL, 1976: 96):

... Junto dele, estendido no convés, o filho mais novo do arrais pensa na rapariga, na Maria Estrela, e não tem dúvidas que, depois de lhe dizer o verso, vai namorar com ela, às escondidas do pai; precisa é de sair da companha, **o velho anda a fazer-se todo com a “rabiosa”, mas talvez se engane, já não tem dentes para aquilo; será a minha vingança por tudo o que fez sofrer à minha mãe. Vai pôr-se bonito quando souber.**

Em relação à palavra *zarro* como brasileirismo informal, significando *bêbado*, *êbrio*, *embriagado*, pode-se dizer que no próprio romance de Alves Redol aparece o termo abonando tal acepção, embora não registrado por Houaiss nos regionalismos lusitanos. Veja-se o que diz o narrador onisciente (REDOL, 1976: 36. O destaque no termo é responsabilidade do autor deste trabalho):

E os homens taciturnos, alguns já **zarros** pelo vinho, a pensarem que não poderão ficar ali por muito tempo. Já partiram os do bacalhau, as notícias não são boas, parece que o peixe fugiu dos lugres; foram outros para Peniche e Matosinhos, alguns abalam para África, outros falam do Canadá...

Em tal sentido, somente Zé Diabo Negro revela em seu caráter traços que justificam o apelido, como se pode verificar nas passagens numeradas 1) e 2) (REDOL, 1976: 41 e 73):

1) O que lhe vale, pensa Mari’Zarro, é que na sua família só há gente de vergonha!...

Mas logo lhe ocorre a alcunha de Diabo Negro que puseram ao filho, e olha-o de revés. Sim, sangue judio é ele, ninguém o agüenta quando enxuga uma pinga a mais; se as venetas lhe puxassem para í, era capaz de agarrar na areia toda da praia e entulhar as ruas. Nem que levasse nisso o resto da vida. Opinião da sua palavra não conhecia outro; ...

2) Não percebendo bem o movimento que ela fez, julga que fugiu para a rua. Atarantado com o vinho e os rodopios, acaba por se

sentar no chão; respira fundo, como se o peito lhe quisesse estalar, e pede mais vinho. Leva o garrafão à boca com a mão esquerda, e bebe, com uma sede danada que não é só da bebida.

Assim, em José da Pala Zarro temos os traços positivos que poderiam ter dado sustentação ao lugar que aquele arrais conquistou e manteve em parte de sua vida em sua região da Nazaré; mas também é possível ler-se em tal nome os traços de degradação que se processa na dita personagem, a ponto de submetê-la a uma condição praticamente digna de pena, poder-se-ia dizer.

Paralelo à degradação dessa personagem, a princípio marcada por vários índices positivos, há um processo de melhoramento de outra personagem, António Zarro, filho primogênito do arrais José da Pala Zarro. Os sinais negativos referentes a Tó Zarro, o Tó Diabo Branco, no início da narrativa, são sublinhados exatamente por seu pai, quem percebia no filho, não seu prolongamento, sua possibilidade de permanência, mas seu grande rival, talvez mesmo por ver no filho aquele que lhe poderia superar nas lides do Mar, para pensar o menos.

Assim, não cansava de lembrar que Tó havia sido traído pela mulher quando andava na pesca do alto, sem se preocupar em vingar-se da traidora, bem como lembrava que o rapaz perdera a condição de dedicar-se à pesca do bacalhau (REDOL, 1976, p. 47), embora, às vezes, manifestando alguma pena pela sorte do filho:

Falas de um homem melindroso com as chapadas da vida. [...] A desfeita da mulher, a saída do lugre onde chegara a primeira-linha... E porquê? Porque se afastava muito e não ouvia bem a sereia de bordo. O ouvido esquerdo começara a pôr-se-lhe um bocado rijo, e pronto! Até o vira chorar... Rico filho!

Contudo, quando se sentia desafiado pela fama do filho, reagia de forma bruta. Não lhe reconhecia maior mérito, por exemplo, em haver passado dois dias seguidos na pesca do safio, pequeno congro, somente pescado à linha, donde granjeara o hipocorístico de TÓ DOS SAFIOS, e com a façanha ganhara bom dinheiro. O Diabo Negro, embora com as ressalvas do discurso, marcado pelo significativo vazio de significado, preferia atribuir o feito mais à boa sorte do que ao arrojo e à habilidade do pescador (REDOL, 1976, p. 29):

- Mas nenhum se mede com o Tó – depenica o João Ova, sem tirar os olhos da rede.
- Esse é o campeão dos campeões cá da Praia, acrescenta outra voz do grupo.
- Um grande rapaz, sim senhor – confirma o Peixe-Aranha depois de virar o copo numa golada. Pescadores daqueles há poucos agora...

O arrais volta a ficar com a asa ferida; não lhe gruda bem aquela fama do rapaz.

– Coisas da sorte!... O Zé sai mais à minha banda. Tem uns grandes olhos para a pesca do alto...

– Ah Ti Zé! Mas olhe que o Tó...

– Quem anda lá com eles sou eu; eu é que os vejo. Ninguém diz menos do Tó. Mas como o Zé. (Lá vai para os exageros.) O Zé vai ser o melhor arrais da Praia. É o meu retrato pintado.

No decorrer da narrativa, irão ficar cada vez mais marcados os sinais positivos em relação ao Tó, reconhecido pela própria comunidade como alguém que se destacava por suas virtudes, bem como aqueles de confronto em relação à figura do pai. Em se tratando da mulher que o traía, preferia ignorá-la, dando mostras de um caráter superior; tratando-se do retorno à pequena praia, após o acidente que prejudicava sua audição, tirando-o da pesca do bacalhau nos mares do Norte, buscou superar-se, assumindo as lides de pesca naquele mar bravo de seu próprio país.

No tocante aos confrontos com o pai, nota-se inicialmente o que se relaciona às lides no mar. Assim, tanto estimula a rivalidade do pai com o outro arrais, Joaquim (Joaquim) da Bôta, como assume a liderança do pequeno barco na hora mais dramática da tormenta que enfrentam naquele mar rabioso. Quanto à rivalidade no terreno amoroso, talvez não se possa falar com propriedade, porquanto Zé Diabo Negro guarda o desejo de posse da afilhada para si; contudo, é o próprio Zé Diabo Negro quem se vê preterido, na medida que percebe na afilhada a inclinação por Tó Diabo Branco.

Nas denominações Diabo Negro (o pai), Diabo Branco (o filho), o narrador monta um jogo de oposição em que está implícito o preconceito ocidental – quanto mais não seja – em que aquele tem os semas negativos, ficando este com os positivos. Negro = mau, detestável, reprovável, negativo versus branco = bom, desejável, aprovável, positivo. Ambos são designados por “diabo”, como se vê. Mas até nisso não é impossível ver-se sinais negativos para o primeiro e positivos para o segundo. E justamente são os adjetivos os responsáveis pela marcação das diferenças. Diabos, ambos; mas enquanto o primeiro é **negro**, portanto, mau, detestável, reprovável, negativo, o segundo é **branco**, e, pois, bom, desejável, aprovável, positivo.

Mas tudo isso está implícito no prenome do personagem: Antônio. No *Dicionário etimológico de nomes e sobrenomes*, aqui já mencionado, está registrado (GUÉRIOS, 1973, p. 55):

ANTÔNIO, A, lat. **Antonius**, gr **Antónios**. Étimo controverso. A **gens** Antônia, uma família muito antiga em Roma, era de origem helênica. De fato, Plutarco afirma que os Antônios formavam uma família dos Heraclidas, descendentes de **Ánton**, filho de Hércules. E o gr. **Ánton** deriv. prov. de **antéo**, f. jônica, em vez de **antáo**: 'opor-se, fazer frente a' (Fumagalli). Há quem veja em **Antonius** abreviação (?) do n. **Antistius**, que parece prender-se ao lat. **antistes**: 'chefe, principal, preeminente'. Outros, como Wasserzieher, prendem-no ao lat. **Antius**: 'o que está na vanguarda, vanguardeiro'. E por fim há quem o faça provir do etrusco, ou pelo menos (M.-Lübke) o sufixo **onius**, usual em nome itálicos, como **Antonius**, etc. Deve-se a Sto. Antônio de Lisboa (de Pádua) a ampla difusão que tem.

Como é fácil notar, seja qual for o significado que se preferir para o nome, o personagem aqui referido contempla de forma plena, com sua personalidade, os sentidos registrados por Guérios. Tó dos Safios opõe-se tanto a Joaquim da Bôta, como a seu próprio pai em quem estimula a rivalidade (REDOL, 1976, p. 73-75):

- Ah, meu pai! – insiste o Tó.
- O que foi?
- O vento quebrou mais...
- E que tens tu com isso?
- O Joaquim da Bôta vai ao Mar... Encontrei-o a falar com o boieiro...
- O arraias aqui sou eu! – lembra o velho a limpar o suor com as costas da mão.
- A gente tem um bote novo – insiste o Tó. – E com um bote novo a gente pode fazer-lhe ver...
- Com o vento que está, ele não vai – diz o Cardeal.
- E depois vossemecê arrenega-se de a mulher dele se gabar. Se o melhor bote da Praia é o nosso, pra que é que serve, então?

[...]

- Pra que é que o bote serve? – insiste o Tó.
- Já te pedi contas?
- O quê?...
- Já te pedi contas, não ouves? – grita o Zé Diabo, já irritado com a teimosia do filho.
- Não, senhor, nem eu lhas peço...

Depois olha à volta com mau modo e começa a bater nas palavras, como se atirasse à cara do pai e da companha.

- Mas se vossemecê mandou fazer o bote prò pôr na montra do café das senhoras, eu vou sozinho prò safio...

- Que estás tu a dizer, rapaz? – grita o velho já fora de si.
- Que não preciso de camaradas... que não me servem companhas de bailadores...

Enfrentando com tenacidade as condições adversas do mar bravo, embora não tendo podido evitar a tragédia, Tó Diabo Branco demonstra capacidade e amadurecimento para sustentar a boa fama que adquirira entre os seus, conquistando também a admiração de Maria Estrela a quem toma por mulher. Zé Diabo Negro, ao contrário, após o desastre, deixa-se abater, a ponto de fugir sem rumo sob a ameaça de uma onda que arrebenta na praia, refugiando-se no regaço da sua mãe, não assumindo o choro, mas manifestando o ódio contra seu primogênito que definitivamente o superara nas lides do mar aberto e que lhe matara a esperança de possuir a mulher desejada.

A degradação e o melhoramento cumpridos em *Uma fenda na muralha*, como manifestados nos nomes próprios das duas principais personagens.

Referências

BARBADINHO, Raimundo Neto. (Org). *Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho)*. Rio de Janeiro: Simões, [19??].

GUÉRIOS: Rosário Farâni Mansur. *Dicionário etimológico de nomes próprios*. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Ave Maria, 1973.

REDOL, António Alves. *Uma fenda na muralha*. 4. ed. Lisboa: Publicações Europa-América, 1976.

PLATÃO. *Crátilo*: Diálogo sobre a justeza dos nomes. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

SALEMA, Álvaro. *Alves Redol: a obra e o homem*. Lisboa: Arcádia, 1980.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 10. ed. cor. act. Porto/Coimbra/Lisboa: Porto/Arnado/Fluminense, [1978].

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. *Teoria da literatura*. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1979.

VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. Porto Alegre: Globo, 1976.